

A ECONOMIA E AS CIÊNCIAS SOCIAIS: EM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR

Everaldo da Silva ¹

Netanias Dormundo Dias ²

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo realizar algumas considerações a respeito da integração entre o estudo sociológico e o conhecimento da História e da Ciência Econômica. Considerando que são ciências afins, com pontos em comum e que uma pode ser fonte de subsídio da outra, busca-se apontar ao cientista social a importância de conhecer essas ciências. Apresentam-se, também, pensamentos de Max Weber, Theodor Adorno, José Paschoal Rossetti, Marcos Antonio de Sandoval de Vasconcellos, entre outros, para demonstrar a importância da interligação dessas ciências.

Palavras-chave: Sociologia; Ciência Econômica; História; Revolução Francesa e Industrial, Sociedade; Transformações Sociais.

ABSTRACT: The objective of the present work is to make some considerations related to the integration of the sociological study with the knowledge of History and Economical Sciences. Considering that related sciences, with some common points and where one can be a source of subsidy for the other, the importance of knowing these sciences is pointed to the social scientist. The thoughts of Max Weber, Theodor Adorno, José Paschoal Rossetti, Marcos Antonio de Sandoval de Vasconcellos among others are presented to show the importance of the interrelation between these sciences.

Keywords: Sociology; Economical Sciences; History; The French and Industrial Revolution; Society; Social Transformations.

¹ Doutor em Sociologia Política - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: evesociologia@gmail.com.

² Mestre em Sociologia Política - Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: netanias_4@hotmail.com.

Introdução

O mundo contemporâneo é possuidor de inquietudes, pois está repleto de mudanças, de conflitos e de divisões sociais. Essas inquietudes têm na Revolução Francesa e na Revolução Industrial, em termos simplificados, seu marco inicial, pois foram acontecimentos que transformaram o modo de vida da humanidade, sendo pontos de inflexão da vida social. De acordo com Lemos Filho (1998, p. 25), “A Revolução Francesa (1789) trouxe o poder à burguesia, destruiu os fundamentos da sociedade feudal e promoveu profundas inovações na vida social.”

Não obstante as sociedades tenham passado a ter fortes laços de interdependência econômica, tanto a Sociologia como a Ciência Econômica tiveram seu processo de formação enquanto ciências nesse período de inflexão, tendo, na História, um forte ponto de apoio para configuração do seu objeto de estudo. Em referência a esse período, Lemos Filho (1998, p.23) expõe que

[...] o século XVIII, principalmente, assistiu a fatos fundamentais que definiram o desaparecimento da sociedade feudal e a consolidação da sociedade capitalista. Um destes fatos foi, sem dúvida, a Revolução Industrial. Iniciada na Inglaterra, nos meados do século, provocou transformações profundas na sociedade européia, tornando problemática a própria sociedade. Trouxe mudanças na ordem tecnológica, pelo emprego intensivo e extensivo de um novo modo de produção [...], na ordem econômica, pela concentração de capitais, [...] na ordem social, pela intensificação do êxodo rural, urbanização, desintegração de instituições e costumes, introdução de novas formas de organização da vida social, e, sobretudo, a emergência e a formação de um proletariado de massas com sua específica consciência de classe.

A respeito da descrição de Lemos Filho (1998), os autores clássicos da Sociologia – Marx, Durkheim e Weber – fazem um salutar diálogo abrangendo questões econômicas e reflexões sociais, muitas vezes, com uma construção histórica do objeto em estudo. Segundo Lemos Filho (1998), o interesse pela História e pelo desenvolvimento foi despertado pela rapidez e profundidade das transformações sociais e econômicas. Então, pode haver, entre a Sociologia, a História e a Ciência Econômica, um diálogo profícuo para abordagem dos problemas sociais?

Para Kerstenetzky (2006), muitas vezes, é natural pensar que a Sociologia e a Ciência Econômica vieram de representações diferentes, sendo que a Sociologia destaca as normas sociais, e a Economia, a racionalidade individual. Lembra Martinez (2006)

que há, nos cursos de Ciências Econômicas, em especial no da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), disciplinas que abordam reflexões de outras Ciências Sociais. Portanto, a premissa que se pretende afirmar neste trabalho é que o cientista social que tiver sólido conhecimento da Ciência Econômica e da História terá grandes chances de compreender e explicar melhor a sociedade contemporânea, pois a Sociologia, a Antropologia, a Economia e a Ciência Política são ciências com objetos de estudo específicos e que se relacionam mutuamente, porque os fenômenos sociais são extremamente complexos. (LEMOS FILHO, 1998).

1. O Nó Górdio entre Economia e as Ciências Humanas

Percebemos que, na pós-modernidade, vivemos um período histórico, que possui o paradoxo como uma das suas principais características e onde a excessiva riqueza convive com a extrema miséria e diversas possibilidades de paz convivem com a possibilidade de genocídios sangrentos. Porém, é necessário pensar em alternativas para compreendermos e melhorarmos a vida humana e sairmos mais fortalecidos dessa encruzilhada.

As questões mencionadas são uma preocupação constante para as Ciências Humanas, área do conhecimento que desempenha um papel importante na sociedade contemporânea. Aprender os principais conceitos das Ciências Humanas é desenvolver a capacidade de pensar de forma imaginativa e de nos distanciarmos de ideias preconcebidas sobre as relações sociais. É investigar a ligação que há entre a sociedade e o indivíduo.

A preocupação em compreender o comportamento humano nasce no princípio do século XIX e sua tarefa é ajudar a compreender o momento presente e as consequências das decisões humanas. As Ciências Humanas podem ser fascinantes, provocativas e aplicáveis, além de que acarretam importantes consequências práticas e permitem compreender um determinado conjunto de acontecimentos sociais, aumentando, assim, nossa sensibilidade cultural, principalmente quando a sociedade passa por mudanças drásticas. Desde sua constituição, se diferenciam, em sua metodologia, de outras áreas científicas, cuja vocação é estudar o social com o discurso do senso comum.

Uma das condutas das Ciências Humanas é objetivar as práticas e, conseqüentemente, revelar aos atores sociais os fatores que determinam seus comportamentos, seus discursos e os mecanismos de seu funcionamento. Não podemos refletir sobre a vida social sem discutirmos temas importantes, como cultura, diferenças sociais, moral, ética, política, poder, entre outros que são objeto de estudo das Ciências Humanas. Os intelectuais das Ciências Humanas são, mais do que nunca, necessários, sendo capazes de desempenhar o papel de ouvidores, de dizer tudo aquilo que o discurso dominante sufoca e oculta.

É em relação a esse aspecto que observamos a importância do debate científico entre as Ciências Humanas. A Sociologia desenvolve a capacidade de pensarmos de forma imaginativa e de nos distanciarmos de ideias preconcebidas sobre as relações sociais. A tarefa da Sociologia é investigar a ligação que há entre o que a sociedade faz de nós e o que fazemos de nós mesmos. O mundo contemporâneo, de certa forma, rompe com o passado, e a missão da Sociologia é ajudar-nos a compreender o mundo em que vivemos e nos alertar, sem profecias, para as diversas possibilidades sobre o que possa ocorrer no futuro.

Desde sua constituição como disciplina autônoma, se diferencia de outras disciplinas científicas, porque tem, como uma de suas condutas, objetivar as práticas e, em decorrência disso, revelar aos atores sociais os fatores que determinam seus comportamentos e discursos, bem como os mecanismos de dominação que ocorrem. “A Sociologia ensina que o que consideramos natural, inevitável, bom ou verdadeiro, pode não ser, e que o que tomamos como dado nas nossas vidas é fortemente influenciado por forças históricas e sociais.” (GIDDENS, 2004, p. 2). Assim, a Sociologia pode ajudar a compreender o cotidiano social mostrando a existência de diversas e diferentes culturas. Escreve Bourdieu (apud PEREIRA, 2007, p.10) que a Sociologia “está aí para nos ajudar nas experiências da vida cotidiana. Ela nos permite dominar nossa própria experiência socialmente determinada, pois, para negociar com nossos determinismos, é preciso conhecê-los bem”. Em outras palavras, no entendimento de Pereira (2007, p. 10),

[...] a sociologia auxilia o próprio sociólogo a praticar a máxima socrática ‘conhece-te a ti mesmo’ e, ao fazê-lo, ajuda o pesquisador em seu ofício de pesquisa, fornecendo-lhe a reflexividade necessária para a vigilância intelectual de si, isto é, para o controle das pré-construções cotidianas e dos impensados epistemológicos. Desse modo é possível evitar a tentação do

profetismo, tão comum em ciências sociais, e as prescrições normativas geralmente contrabandeadas no discurso às vezes neutro apenas na aparência.

Weber (2002) afirma que a Sociologia não se limita a tornar compreensivo o sistema de crenças e de condutas da coletividade e que determina como as coisas ocorrem, como certas crenças orientam a maneira de agir e como certa organização política influencia a organização da economia. Nesse sentido, os fenômenos econômicos influenciam a sociedade e, de forma recíproca, a sociedade exerce sua influência. De acordo com Swedberg (2004, p. 7-8),

A economia pode, por exemplo, influenciar a arte ou a religião; e vice-versa, a arte ou a religião pode influenciar a economia [...] todos os fenômenos econômicos são sociais por sua natureza; estão enraizados no conjunto em parte da estrutura social.

Portanto, quando há análise de fenômenos sociais focando apenas o olhar político ou somente o olhar econômico, incorremos no erro, pois o cálculo se apresenta incapaz de compreendê-los e a análise sociopolítica não dá conta do problema. Assim, podemos afirmar que a Ciência da Sociedade e a Ciência Econômica são parceiras e que se reforçam com o conhecimento histórico. (DIAS; SILVA, 2007). Temos a concepção de que a história fornece conhecimentos indispensáveis para qualquer cidadão, capacitando-o a entender aquilo que, por vezes, a Economia, que é uma disciplina mais quantitativa, não alcança: pensar historicamente. Essa habilidade de pensar historicamente faz parte da boa formação e prepara as pessoas para que olhem para trás e se perguntem: “O que fizemos de errado, de certo?”. Isso é um exercício histórico e desafiador. No dizer de Burns; Lerner e Meacham (2001, p. 3), os “historiadores passaram a reconhecer que a história abrange o registro das atividades passadas do homem; os governados, tanto quanto os governantes; os pobres, tanto quanto os ricos – todos fazem parte da história”.

É de ser relevado que faz parte do fazer história elaborar perguntas pouco prováveis relativas ao passado, independente do tempo em que aconteceu determinado evento. Assim, se faz necessário estabelecer e diferenciar o passado e o presente, “da mesma maneira como distinguir cronologicamente mudanças rápidas e lentas, alterações, perpetuações, bem como fazer comparações e diferenciações na sociedade humana”. (CAETANO, 1998, p. 86). A história pode ser considerada como uma forma de memória pública que emite um efeito tranquilizador sobre as relações instáveis dos

atores na sociedade, podendo ser utilizada como fonte de previsão de tempos futuros, bem como contribuir para os estudos da Antropologia, da Sociologia e da Economia. (GUARINELLO, 2004). No hodierno, já é factível ver empresários de sucesso pensando historicamente, tentando compreender os erros passados para que não sejam cometidos no presente. O ato de investigar não pertence somente aos historiadores e intelectuais, mas também aos homens e às mulheres comuns, porque a história abrange, também, as

[...] instituições sociais e econômicas que homens e mulheres criaram e que, por sua vez, deram forma às suas vidas: a família e a classe social; o feudalismo e a vida urbana; o capitalismo e o industrialismo. Também as idéias e as atitudes, não só de intelectuais como de homens e mulheres que podem ter passado a vida praticamente sem ser tocados pelas ‘grandes obras’ literárias [...]. E o mais importante é que a história inclui a investigação das causas dos acontecimentos e dos padrões de organização e das idéias humanas, a pesquisa das forças que impeliram a humanidade para seus maiores empreendimentos, e dos motivos para seus sucessos e fracassos. (BURNS; LERNER; MEACHAM, 2001, p.4).

As ideias humanas estão presentes em nossa sociedade, a qual é o campo de estudo da Sociologia. Esse campo, por sua vez, é composto por múltiplos fatores que se interpenetram numa multiplicidade de aspectos (poder, interesses de classes e diferenças sociais), os quais exigem do pesquisador conhecimento histórico, visto, por Weber (2002), como uma ferramenta salutar para o sociólogo. (DIAS; SILVA, 2007).

1.2 Conhecimento histórico: Primazia para o sociólogo

O sociólogo, conforme sustenta Weber (2002), deve atuar por meio de uma investigação de causalidade histórica, sendo possível determinar o papel dos diversos antecedentes na origem de um acontecimento, o que permite identificar as características do fato que pretende descobrir. Nesse passo, mostra-se imperioso analisar o fenômeno histórico, pois um fenômeno sociológico pode ser determinado por dados anteriores. A história seria, então, um instrumento utilizado pelo sociólogo para analisar o seu objeto de pesquisa, cuidando para não transformar a pesquisa sociológica numa mera narrativa de fatos históricos. É preciso, portanto, atentar para a identificação dos fatos que já aconteceram, pois eles, com o tempo, podem contribuir para as ações atuais, porque “Uma análise causal do passado pode determinar as responsabilidades assumidas por certos homens no presente”. (WEBER, 2002, p. 39).

Uma construção histórica permite supor que, se um determinado acontecimento não tivesse ocorrido, o problema que desejamos explicar teria tido um comportamento diferente, o que torna “O papel das pessoas ou dos acidentes, na origem dos acontecimentos históricos [...] um dado primordial.” (WEBER, 2002, p. 39). À guisa de exemplo, quando olhamos para a história do século XX, notamos como personalidades singulares que estiveram no comando da grande estratégia da antiga União Soviética e da Alemanha não percebiam suas falhas que, de maneira clara para outrem, acarretavam consequências catastróficas. Outro exemplo é do renomado Primeiro Ministro britânico, Winston Churchill, que, se tivesse sido um déspota, também teria cometido erros catastróficos. Entretanto, Churchill sofria restrições do aparelho institucional da Inglaterra que analisava as estratégias propostas por ele. Também nos Estados Unidos e no Reino Unido, ocorreu uma forma elaborada de colaboração por intermédio das reuniões entre os chefes do Estado-Maior dos dois lados, fato que não acontecia do outro lado do Eixo, que não organizava estratégias de ataque. Podemos, portanto, aprender ao analisar fatos históricos, como, por exemplo, modelos de liderança de gigantescas competições, como as guerras mundiais.

Sobre a relação entre disciplinas vizinhas (Sociologia e História), também podemos citar os estudos de Adorno (2004). Para o autor, a compreensão da sociedade, tanto em termos de consciência, como de políticas adotadas, não é mera ação do tempo presente. É um processo enraizado, construído socialmente, o que exige da Sociologia uma dimensão histórica, a qual, segundo Adorno (2004), citado por Dias e Silva (2007), infelizmente, não é usada devido, talvez, às diversas controvérsias metodológicas. Ainda para Adorno (2004), essa opção desconhece a história, dado que os contextos históricos são constitutivos da própria Sociologia. O conhecimento histórico não é algo desprezado pela Sociologia, mas, antes, algo central, não sendo o conhecimento da história objeto desprezível. (ADORNO, 2004). Outro aspecto que destacamos é a observação da essência dos fenômenos sociais. Para tanto, é necessário que a Sociologia os interprete como expressão da sociedade. A interpretação da Sociologia é uma interpenetração de fenômenos que são fruto de um acúmulo de conhecimento histórico. (DIAS; SILVA, 2007).

A capacidade de interpretação é essencialmente a capacidade de aprender o resultado do devir ou a dinâmica imobilizada dos fenômenos. [...] A cultura na sua forma se apresenta aos seus consumidores como simples ostentação de

dominação, violência e prestígio. Essa teoria diz apenas que todos os traços são apenas traços da sua própria história. Por exemplo, se observarmos os prédios nas belíssimas cidades americanas, veremos a demonstração de status e poder americano, onde o poder e o volume de capital se exprimem no fato de se servirem de tais meios históricos ultrapassados e inconscientemente coletivos. (ADORNO, 2004, p. 210).

É fundamental que o sociólogo compreenda o processo histórico. Dessa maneira, após verificar “os vários acontecimentos ocorridos na sociedade numa direção especificamente determinada” (ADORNO, 2004, p. 211), saberá diferenciar as coisas, distinguir os fatos relevantes e reconhecer as regularidades sociais. Sem o conhecimento histórico, se torna difícil a realização de uma abordagem sociológica do objeto em estudo.

Nesse sentido, a relação entre História e Sociologia é importante, “porque a sociedade é um processo vital e funcional e não um simples conceito descritivo de todos os homens que vivem num dado momento; por isso só pode ser compreendida historicamente.” (ADORNO, 2004, p. 214). O autor assinala, ainda, que a Sociologia não compartilhada com a História é uma Ciência “cega”. Além disso, não pode ser unicamente empírica, pois, dessa forma, fica privada de compreender o processo evolutivo da sociedade. (DIAS; SILVA, 2007).

2. Sociologia e a Ciência Econômica

2.1 Theodor Adorno e a relação das disciplinas vizinhas

Segundo Adorno (2004) há, nas Ciências Sociais, a necessidade de relacionamento entre as “disciplinas vizinhas”. Nesse caso, é promissora, para as Ciências Sociais, a relação entre a Sociologia e a Economia e entre a Sociologia e a História. A relação é promissora, pois a Ciência tem a função de tornar o aprendizado social algo concreto, e não mero esquema classificatório. Por essa razão, é importante para o Sociólogo o conhecimento econômico, pois há uma relação entre as duas ciências, já que,

[...] em virtude dos hiatos rigorosos entre as disciplinas científicas, entre si distintas, o interesse essencial que estas disciplinas em geral possuem esvanece-se; e também não pode ser restaurado mediante a ulterior cooperação ou integração, portanto, através do fato de, reciprocamente, classificarem os resultados e de neles se descobrir uma concordância formal

Uma Sociologia totalmente dissociada do conhecimento econômico favorece o desaparecimento do interesse social, fato que vai contra o seu propósito enquanto ciência. A relação social é algo abrangente. Sendo assim, a Economia se inclui na totalidade do objeto estudado pela Sociologia, e não é por acaso que a maior obra de Weber chama-se Economia e Sociedade, na qual é levantada a relação da influência recíproca de ambas as entidades. (ADORNO, 2004).

Independente do tipo de relação econômica, seja de troca, de cálculo racional, de extensão micro ou macro, não é ela algo externo à sociedade, ao mundo social. É, antes de qualquer coisa, relação social de onde advém a necessidade de reflexão sobre as relações entre Ciências Sociais ou, nas palavras de Adorno, “[...] as relações econômicas entre os homens, que têm por meramente econômicas, calculáveis, na realidade não passam de relações petrificadas entre os homens [...]” (ADORNO, 2004, p. 204)

Ressalta-se que não é só um Sociólogo, como Adorno, que defende o diálogo entre as duas Ciências. Há, também, entre os economistas essa proposta, como é o caso do Professor José Paschoal Rossetti, da Fundação Dom Cabral, situada em Belo Horizonte, e dos professores Diva Benevides Pinho e Marco Antônio Sandoval Vasconcellos, ambos da Universidade de São Paulo.

2.2 Os economistas e a relação com as disciplinas vizinhas

A Ciência Econômica estuda a alocação dos recursos escassos num ambiente de muitas necessidades e tem, na escolha racional, seu artifício de decisão. Para isso, lança mão de uma gama de informações, muitas vezes baseadas na Estatística e na Matemática, que são ferramentas úteis, mas que não dão conta do todo. Por essa razão, conhecer a História e as motivações sociais é fundamental, pois muitos dos questionamentos de hoje são problemas que já aconteceram no passado. Exemplo disso

são o *crash* da bolsa de valores de 1929, a queda da mesma bolsa, de forma vertiginosa, em 1987³ e as crises cambiais.

O passado, ou quaisquer dados que optemos por analisar, é apenas um fragmento da realidade. A qualidade fragmentária é crucial na passagem dos dados para uma generalização. A realidade é uma série de eventos interligados, cada um depende do outro. (BERNSTEIN, 1997, p.21).

Os problemas sociais estão interligados; devemos, então, aplicar estudos interligados. Sendo assim, de acordo com Rossetti (1997), as Ciências Sociais buscam compreender as distintas razões da ação do homem. A Sociologia preocupa-se com as relações sociais e a organização estrutural da sociedade, e a Ciência Econômica, como fração das Ciências Sociais, se preocupa com o estudo da ação econômica do homem, envolvendo, essencialmente, o processo de produção, geração e apropriação da renda, o dispêndio e a acumulação.

À semelhança do que ocorre com os demais ramos das Ciências Sociais, não se pode considerar a economia como fechada em torno de si mesma. Pelas implicações da ação econômica sobre os outros aspectos da vida humana, o estudo da economia implica a abertura de suas fronteiras às demais áreas das Ciências Humanas. Esta abertura se dá em dupla direção, assumindo um caráter biunívoco. De um lado, porque a economia busca alicerçar seus princípios, conceitos e modelos teóricos não apenas na sua própria coerência, consistência e aderência à realidade, mas ainda nos desenvolvimentos dos demais campos do conhecimento social. (ROSSETTI, 1997, p.31).

A abertura do diálogo entre as Ciências que compõem as Ciências Sociais pode ser um importante ponto de contribuições conceituais, podendo unir características em comum aos mais diferentes ramos de estudos da modernidade, como, por exemplo, o meio ambiente (ROSSETTI, 1997). No mínimo, é possível realizar ações biunívocas que abranjam estudos integrantes entre a Economia e a Sociologia, o que permitiria “a não-existência de um trabalho limitado por idéias formais e uma única disciplina” (ROSSETTI, 1997, p. 31). Afinal, num mundo dinâmico, não há uma única resposta.

Os economistas não têm seu trabalho limitado pelas idéias formais de uma única disciplina. As filosofias políticas e os princípios éticos a que subordinam seus valores, suas vidas e a variada gama de suas percepções procuram explicar muitas coisas que ultrapassam a lógica explícita de seu trabalho profissional. (SILK apud ROSSETTI, 1997, p. 31).

³ Em 19 de outubro de 1987, a Bolsa de Valores de Nova Iorque sofreu a maior queda de sua história. Essa queda foi imediatamente acompanhada pelas demais Bolsas de todos os países capitalistas.

Reconhece a Ciência Econômica a necessidade de um profícuo diálogo com as demais Ciências Sociais, pois seu objeto de estudo, que está alojado na sociedade, é dinâmico e só pode ser delineado por uma integração das Ciências Sociais.

Os problemas econômicos não têm contornos bem delineados. Eles se estendem perceptivelmente pela política, pela sociologia e pela ética, assim como há questões políticas, sociológicas ou éticas que são envolvidas ou mesmo decorrentes de posturas econômicas. Não será exagero dizer que a resposta final às questões cruciais da economia encontra-se em algum outro campo. Ou que a resposta a outras questões humanas, formalmente tratadas em outras esferas das Ciências Sociais, passará necessariamente por alguma revisão do ordenamento real da vida econômica ou do conhecimento econômico. (BOULDING apud ROSSETTI, 1997, p.31).

Então, os conflitos de produção, acumulação e distribuição da riqueza, por exemplo, não têm solução restrita à Ciência Econômica. Da mesma forma, não se encontram isoladamente nas demais Ciências, como na Sociologia, por exemplo. Economia e Sociologia são unidades integrantes de uma Ciência maior, as Ciências Sociais, e, assim sendo, nada mais natural que tenham um diálogo entre aqueles que as usufruem.

Em síntese, pode-se inferir que as interfaces da economia com outros ramos do conhecimento social decorrem de que as relações humanas e os problemas nelas implícitos ou delas decorrentes não são facilmente separáveis segundo níveis de referência rigorosamente pré-classificados. O referencial econômico deve ser visto apenas como uma abstração útil, para que se analisem aspectos específicos da luta humana pela sobrevivência, prosperidade, bem-estar individual e bem-comum. (ROSSETTI 1997, p. 32).

Portanto, os estudos econômicos devem ser vistos como um artefato da sociedade, não como um objeto abstrato e isolado do seio social.

3. Economia e Sociologia: Uma origem em comum

Segundo Pinho e Vasconcellos (2002), a Ciência Econômica, assim como a Sociologia, foi proposta dentro da concepção organicista, da mecanicista e, posteriormente, da humana.

A concepção organicista da Economia se faz presente em vários textos históricos nos quais as partes principais da Economia Social são relacionadas com órgãos dos quais a sociedade se serve para a criação, a distribuição e o consumo de bens, do mesmo modo como as partes principais da fisiologia. Os mecanicistas pretendiam que as leis da Economia se comportassem como determinadas leis da Física. (PINHO; VASCONCELLOS, 2002, p. 9).

Embora a Ciência Econômica repouse sobre ações humanas e, por excelência, seja uma ciência social e apesar de a tendência atual ser a obtenção de “resultados cada vez mais precisos para os fenômenos econômicos, é quase impossível se fazer análises puramente frias e numéricas, isolando as complexas reações do homem no contexto das atividades sociais.” (PINHO; VASCONCELLOS, 2002, p. 9). As palavras de Pinho e Vasconcellos (2002) permitem afirmar que os fatores econômicos estão embutidos nos fatores extraeconômicos, sendo significativos para o exame social. Para os mesmos autores, as Ciências Sociais não são autônomas totalmente, ou seja, estão interligadas, sendo reconhecíveis suas diferentes óticas de abordagem da sociedade. De acordo com Rossetti (1997, p. 43),

Os fatos sociais resultam do comportamento humano. Eles se caracterizarão como fatos econômicos à medida que todo o conjunto dos aspectos sociais que os envolve for de certa forma eclipsado por considerações ou motivações de ordem econômica. O eclipse, no entanto, será sempre parcial, à medida que um dos fatos destacados também envolve considerações ou motivações éticas, sociais e políticas, além de estarem subordinados a todo um conjunto de normas jurídicas ou valores culturais.

Dado o exposto, o objeto de pesquisa na Economia não fica limitado à relação econômica e extrapola seu raio de atuação, envolvendo questões éticas, religiosas, organização política, formas sociais de se relacionar, ordem jurídica, cultura, enfim, a sociedade.

Considerações Finais

Historicamente, os problemas modernos se configuraram com as Revoluções Francesa e Industrial. Ambas foram significativas para efetuar mudanças sociais: o espectro de atuação da primeira se destacou em termos políticos, com a emergência de uma nova classe, enquanto o raio de atuação da segunda se sobressaiu em termos econômicos.

A História como ciência é bem mais antiga do que a Sociologia e a Economia, mas, desde a criação das mesmas, a História foi utilizada como subsídio aos estudos dos seus precursores. Nos estudos contemporâneos, é de suma importância que o profissional das Ciências Sociais conheça os principais parâmetros da História, da Sociologia e da Economia.

Weber, na Sociologia, é o mais conhecido dos estudiosos, pela sua percepção histórica dos fenômenos sociais. Adorno (2004) faz lembrar a importância que deve ser atribuída ao fenômeno histórico, pois os fenômenos sociais são, antes de tudo, ações que se acumularam no tempo, devendo, assim, o cientista social compreendê-los. Quanto à Ciência Econômica, observa Adorno (2004), que esta é vizinha da Sociologia e que, na complexidade dos problemas atuais, a Economia, com seus variados conceitos, propensão marginal a consumir e a poupar, níveis de renda e investimento, custo de oportunidade, etc., por exemplo, é forte aliada para a compreensão do fenômeno sociológico.

Na Ciência Econômica, há, entre os estudiosos, certo consenso quanto à importância das demais Ciências Sociais para o entendimento e compreensão das questões econômicas, pois, em tempos de rápidas mudanças, o buscar saber não pode ser filho único de uma disciplina.

Referências

- ADORNO, Theodor W. **Lições de Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BERNSTEIN, Peter. **Desafio aos deuses: a fascinante história do risco**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BURNS, Edward McNal; LERNER, Robert E.; MEACHAM, Standish. **História da civilização ocidental**. São Paulo: Globo, 2001.
- CAETANO, Coraly Gará. História como ciência humana. In: MARCELLINO, Nelson C. (Org.). **Introdução às ciências sociais**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 1998. p. 85-89.
- DIAS, Netanias Dormundo; SILVA, Everaldo da. Sociologia, História e Economia: um diálogo promissor. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Em Tese**. v. 3 n.º. 2, p. 182-196, janeiro-julho/2007.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. Vol. 24, n. 48, p. 13-38, 2004.
- KERSTENETZKY, Celia Lessa. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2006/artigos/A06A001.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2006.
- LEMOS FILHO, Arnaldo. As ciências sociais e o processo histórico. In: MARCELLINO, Nelson C. (Org.). **Introdução às ciências sociais**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 1998. p. 19-28.
- MARTINEZ, José Walter. **O Ensino da Contabilidade e a Formação do Economista**. Disponível em: <http://www.eco.unicamp.br/artigos/artigo43.htm>. Acesso em: 21 dez. 2006.
- PEREIRA, Gilson Medeiros. A improvável trajetória de um sociólogo enervante. **Revista Educação**, São Paulo, v. 5, Especial: Biblioteca do Professor, Dossiê: Bordieu pensa a Educação, p. 06-16, set. 2007.
- PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval de (Org.) **Manual de Economia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à economia**. 17. ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- SWEDBERG, Richard. Sociologia econômica: hoje e amanhã. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 16 n 2, p. 07-34, nov./ 2004.
- WEBER, Max; GERTH, Hans Heinrich; MILLS, Charles Wright. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.